

Quilombolas e indígenas: intercruzamentos, identidades e conflitos no sertão de Pernambuco

Maroon and indigeneous communities: intermingling, identities and conflicts in Pernambuco hinterlands

Maria Jorge dos Santos Leite*

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar o processo de construção identitária da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, observando o entrelaçamento étnico-cultural entre seus habitantes e os da aldeia indígena Atikum. Ambas são comunidades tradicionais localizadas no sertão de Pernambuco. Devido à proximidade geográfica entre as duas comunidades e as múltiplas relações historicamente estabelecidas entre elas, há evidências de que há certa assimilação da cultura indígena pela população quilombola, o mesmo acontecendo com os índios Atikum.

Palavras-chave: Identidade. Indígenas. Quilombolas.

Abstract

The aim of this study is to analyze the identity construction process of the maroon community from Conceição das Crioulas, observing the ethnic and cultural intermingling between its inhabitants and the Atikum Indian village. Both are traditional communities located in Pernambuco. Because of geographical proximity between the two communities and multiple relationships historically established between them, there is certain assimilation of indigenous culture, by maroon population, as do the Atikum Indians.

Keywords: Identities. Maroon. Indigenous.

Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa de campo que desenvolvi na comunidade de Conceição das Crioulas no período compreendido entre 2000 e 2012. Dessa pesquisa resultaram minha dissertação de mestrado e tese de doutorado, ambas na Universidade Federal do Ceará (UFC). Além desses trabalhos, os dados compilados na pesquisa já deram origem a diversos artigos publicados em periódicos ou apresentados em eventos.

Ao mesmo tempo em que tomei os habitantes de Conceição das Crioulas como sujeitos de minha pesquisa, fui incorporando, também, alguns indivíduos da aldeia

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade de Pernambuco (UPE).

Atikum com os quais os quilombolas se relacionam, que seja por razões familiares/afetivas, relações de trabalho ou por afinidades culturais, como, por exemplo, a participação de quilombolas na dança indígena do Toré.

Os instrumentos metodológicos utilizados neste trabalho foram os da história oral: observação participante, conversa com os atores sociais com um propósito específico em mente e entrevista estruturada. Resgato, ainda, depoimentos de pessoas já falecidas da comunidade, que colhi em pesquisa anterior (dissertação de mestrado) ou me chegaram por meio de trabalhos de outros pesquisadores, e que considero bastante relevantes. Utilizo, também, informações documentais produzidas sobre essas comunidades – quilombola e indígena – e uma literatura sobre comunidades tradicionais, história oral e memória.

A expressão “povos e comunidades tradicionais” foi instituída pelo Decreto Presidencial nº 6.040/2007, para designar grupos étnicos culturalmente diferenciados, que habitam territórios tradicionalmente ocupados por seus ancestrais. Esses espaços territoriais são necessários não só porque são neles que tais grupos reproduzem suas condições econômicas de sobrevivência, mas por serem locais de preservação da história e cultura de seus antepassados, e da afirmação de suas identidades, frente à tentativa global de homogeneização cultural imposta pela atual política econômica global.

Os grupos étnicos são:

Aqueles grupos humanos que em virtude de semelhanças no habitus externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e imigração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação das relações comunitárias, sendo diferente se existir ou não uma comunidade de sangue afetiva. (WEBER, 1991, p. 270).

Ainda em relação aos grupos étnicos:

Assim como não se pressupõe uma real comunidade de origem, os grupos étnicos também não pressupõem uma real atividade comunitária. Eles existem apenas pela crença subjetiva que têm seus membros de formar uma comunidade e pelo sentimento de honra social compartilhado por todos os que alimentam tal crença. (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p. 38).

Desse modo, o autor acredita que os grupos étnicos são uma construção social, na qual a identidade étnica se edifica a partir da diferença. Portanto, o sentimento entre “os iguais” não pode ser separado da repulsa às “diferenças”. Assim como o sentimento

de pertença não é criado a partir do isolamento, mas da comunicação da diferença, da qual os indivíduos se apropriam para demarcar suas fronteiras étnicas.

Enquanto Weber (1991) se preocupa, principalmente, com o aspecto político da questão étnica, expresso pelas tensões que se instauram na competição entre os grupos que disputam posições privilegiadas na hierarquia social, Barth (1998), faz recair maior ênfase na sua dimensão ideológica, abordando a noção de fronteiras entre os grupos étnicos. Assim, para este autor, a expressão grupo étnico designa uma população que:

1. se perpetua principalmente por meios biológicos;
2. compartilha valores culturais fundamentais, postos em prática em formas culturais num todo explícito;
3. compõe um grupo de comunicação e interação;
4. tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem. (BARTH apud OLIVEIRA, 1976, p. 2).

As fronteiras entre os grupos étnicos a que Barth (1998) se refere são as fronteiras sociais, mas acredita que elas podem ter contrapartidas territoriais. À medida que um grupo étnico conserva sua identidade, ao interagir com membros de outros grupos, isso se transforma em critérios para manifestar a pertença ou a exclusão àquele grupo. A noção de fronteira étnica, defendida por Barth (1998), trouxe importante contribuição para os estudos acerca de grupos étnicos e para a compreensão dos fenômenos da etnicidade.

Entre os diversos grupos que buscam a afirmação de suas identidades étnicas, estão aqueles que compõem as comunidades quilombolas e indígenas. Assim, muitas dessas comunidades vêm buscando, na história de suas raízes, elementos que apontem para uma origem comum de seus habitantes e, dessa forma, procuram se afirmar enquanto grupos étnicos que habitam um território historicamente ocupado por seus ancestrais.

De acordo com Barth (1998), o grupo étnico constitui-se como forma de organização social em que os atores categorizam a si mesmos e aos outros, com propósito de interação, e assinala que a pertença étnica não pode ser definida senão pela demarcação entre os membros e os não-membros, pois a etnicidade implica sempre a organização de grupos dicotômicos – Nós/Eles. Dessa forma, as categorias de identificação determinam quem pertence ou não ao grupo étnico em questão.

Os grupos, ou comunidades étnicas brasileiras, principalmente as indígenas e quilombolas, nos últimos anos, têm se tornado suficientemente fortes para mobilizarem-

se internamente pela redescoberta de suas histórias e culturas, que vão sendo recriadas de acordo com as novas situações de um espaço intercultural (ATHIAS, 2007).

No Brasil, muitas comunidades tradicionais ocupam espaços territoriais próximos, ou disputam o mesmo território, estabelecendo relações nem sempre amistosas, no entanto, é nesses espaços que “[...] negros, indígenas e brancos-mestiços se relacionam, cruzam e entrelaçam sertão adentro, neste país [...]” (MEDEIROS, 2007, p. 205), a exemplo do que ocorre no sertão de Pernambuco.

Entrecruzamentos e conflitos

A comunidade quilombola de Conceição das Crioulas faz parte do município de Salgueiro, sertão de Pernambuco, do qual constitui o 2º Distrito. Sua área territorial é de 600 KM², habitada por cerca de 4 mil pessoas, das quais a maioria identifica-se como quilombola. Esse distrito é composto pelas vilas: Conceição das Crioulas (central), União das Crioulas e Paula e diversos sítios: Amparo, Boqueirão, Riacho dos Juazeiros, Coqueiro, Chapada, Barrinha, Jatobá, Jiboia, Poço da Pedra, Garrote Morto, Mulungu, Olho d’Aguinha, Curtume, Angico dos Lúcius, Queimadas e Rodeador.

Conceição das Crioulas foi reconhecida como comunidade quilombola por decreto da Presidência da República instituído em agosto de 1998, o que lhe permite a luta por um reconhecimento de fato da sua identidade quilombola, com direito ao usufruto da terra que pertencera aos seus ancestrais. O fato que mais concorreu para esse reconhecimento foi a existência de uma história oral, presente na memória da população de Conceição das Crioulas, segundo a qual essa comunidade teria sido fundada por seis negras, possivelmente escravas fugitivas que ali se estabeleceram no final do século XIX. Essas negras ficaram conhecidas como as “seis crioulas”, das quais a população atual considera-se descendente. O território que teria pertencido a elas encontra-se atualmente numa disputa entre quilombolas, índios e fazendeiros da região.

Vizinho a área quilombola de Conceição das Crioulas, encontra-se a aldeia Atikum. Apesar da existência de mapeamento territorial, as fronteiras entre as duas comunidades não são bem definidas, o mesmo acontece com as “fronteiras étnicas”, já que existem intensas e históricas relações de consanguinidade entre os dois grupos.

A aldeia Atikum localiza-se entre duas serras: a das Crioulas e a Umã, no município de Carnaubeira da Penha, sertão de Pernambuco. Sua população é estimada em 5.139 pessoas. É composta por cerca de vinte pequenas aldeias: Alto do

Umã (Central), Olho d'Água do Padre, Casa de Telha, Jatobá, Samambaia, Sabonete, Lagoa Cercada, Oiticica, Areia dos Pedro, Serra da Lagoinha, Jacaré, Bom Jesus, Baixão, Estreito, Mulungu, Boa Vista e Angico.

Apesar das duas comunidades conduzirem processos identitários próprios, por meio dos quais cada uma busca sua identificação e diferenciação de seus membros, a proximidade geográfica, e as múltiplas relações, historicamente estabelecidas entre elas, levam ao estabelecimento de um quadro de identidades hibridizadas¹ (MEDEIROS, 2007).

Para o autor, o cruzamento da identidade quilombola com a indígena deve-se ao fato da reserva indígena dos Atikum já ter sido criada pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), anteriormente ao reconhecimento de Conceição das Crioulas como quilombola. Assim, muitos indivíduos e famílias negras se cadastraram neste órgão, levando em conta não apenas uma provável ascendência indígena, resultado do cruzamento entre os dois grupos, mas, sobretudo, a garantia da posse de terra na reserva (MEDEIROS, 2007).

Em Conceição das Crioulas, na luta política pela construção de uma identidade étnico-cultural, a população que integra a comunidade se autodefine e se coloca frente aos desafios que lhes são impostos. Diante das necessidades criadas pelo processo de globalização, bem como da organização de outras comunidades étnicas, um dos desafios colocados a essa comunidade está o de se definir, de se ver, de auto-representar como quilombolas, o que tem ocasionado distanciamentos e aproximações, ou seja, tensões. A essa situação a comunidade responde com seu processo de auto-identificação, como atenta O`Dweyer (1995),

A identidade histórica de “remanescentes de quilombo” emerge como resposta atual de uma situação de conflito e confronto com grupos sociais, econômicos e agências governamentais que passam a implementar novas formas de controle político e administrativo sobre o território que ocupam, e, com as quais estão em franca oposição. (O`DWEYER, 1995, p. 121).

É nesse contexto, de intervenções externas no espaço territorial e de organização interna do grupo, que a comunidade de Conceição das Crioulas responde a essas intervenções com a estruturação de um novo campo de relações de poder e resistência, que começa a adquirir sentido a partir do momento em que esse movimento desperta

¹ A hibridização aqui é entendida como “[...] processos socioculturais em que estruturas e práticas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos ou práticas.” (CANCLINI, 2000, p. 2).

para uma identidade étnica e cultural, ou seja, passa a se constituir nessa comunidade um movimento político que reivindica a identidade de “quilombolas”, a partir da necessidade, do desejo e da possibilidade de preservar a posse da terra e outros direitos étnicos.

Dessa forma, os quilombolas partem da representação de um grupo por eles mesmos definido de várias formas: “nós”, os “negros”, ou “os quilombolas” como, também, costumam se definir. No lado oposto estão os “outros”, aqueles que não se identificam nem são identificados como “quilombolas”. São: “não-quilombolas”, os “índios”, os “brancos”, ou “fazendeiros brancos”, ou “posseiros” ou, ainda, os “grileiros²”.

Para Hall (2004), a identidade é uma construção social que se forma a partir do ambiente, das práticas e ações que se fazem presentes no cotidiano. Em Conceição das Crioulas não é diferente. É em meio à vastidão da caatinga e do solo seco do sertão que os quilombolas desenvolvem suas ações e práticas políticas, econômicas, culturais e religiosas e, assim, vão construindo uma identidade marcada por suas singularidades: negros(as), camponeses(as), sertanejos(as), artesãos(ãs) e descendentes das “seis crioulas”, categorias com as quais se identificam e estabelecem diferenças em relação a outros grupos étnicos.

Hall (2000) acrescenta ainda que o modo como cada sujeito social vive no mundo, sua forma de pensar e participar dele e do contexto histórico em que está inserido, como ele compreende o mundo, permitindo-lhe introspectar, compreender e interpretar o mundo vivido e a realidade social a que pertence, tudo isso consiste em aspectos importantes que possibilitam a identidade. Assim, as representações que os sujeitos fazem de si próprios e dos outros também fazem parte do processo de construção da identidade. Assim, em Conceição das Crioulas, definir uma identidade quilombola significa, também, estabelecer diferenças entre essa identidade e a indígena, o mesmo ocorrendo em relação aos Atikum.

Em Conceição das Crioulas, os quilombolas mais diretamente ligados ao movimento social e político da comunidade, preferem identificar-se, hoje, como “negros”. Na compreensão de Givânia³, essa identificação se faz independente da pessoa ter a tonalidade da pele clara ou escura, pois entende-se que a questão da

² O termo é utilizado para designar todos aqueles que se apossaram das terras consideradas quilombolas por meio de escrituras falsas.

³ Givânia Maria da Silva (Depoimento quilombola). I Congresso de Negras e Negros em Conceição das Crioulas, jan. 2000.

negritude é uma questão histórica, ligada às raízes de um povo, ou seja, ser negro é ser e sentir-se descendente de negro. Repetindo as palavras de Weber (1991), podemos acrescentar que é ter “a crença subjetiva” de que pertence a um determinado grupo.

No caso de Conceição, para alguém identificar-se como negro é fundamental o sentimento de pertença a um tronco comum. “Negro é uma questão de família que vem lá dos ancestrais, descendentes de Barnabé, de Virgínio Vicente Gomes, de Estêvão, de Simão”⁴, seus antepassados.

Acionar a descendência com seus ancestrais é uma das formas pelas quais os quilombolas constroem sua identidade étnica (negra). Nessa perspectiva, estão mudando seus hábitos na maneira de se vestir e pentear os cabelos e, ainda, incorporam expressões “afros” ao seu vocabulário dando aos filhos nomes que pertenceram aos ancestrais ou às divindades africanas, como Dandara, Aqaltune, Iansã e outros.

Por força do hábito, é ainda comum alguns quilombolas se identificarem como “nós, os morenos”. Quando isso ocorre, há sempre uma preocupação por parte daquele que assim se expressa, de retificar a expressão: “morenos não! Nós somos negros mesmo!”

Percebe-se, com isso, e com base no pensamento Bernardes (2011, p. 166), ao afirmar que a expressão “[...] categoria é comumente utilizada para designar diferentes espécies do mesmo gênero e/ou distinguir certos fenômenos que apresentam uma mesma característica geral [...]”, que a categoria negro nem sempre existiu: é uma construção do próprio movimento vigente, constituindo-se numa das estratégias de mobilização e diferenciação do grupo dos “quilombolas” em relação aos “outros”.

Hall (2004) afirma que na construção da identidade, seja ela coletiva ou individual, leva-se em consideração os vários fatores: os caracteres biológicos, históricos, relacionais e de meio, além das relações de poder e dominação. Por isso é importante o reconhecimento do caráter plural da identidade já que existem identidades de gênero, raça, etnia, classe e aquelas relacionadas às práticas culturais. Sendo assim, essas identidades não são homogêneas e devem ser consideradas nas suas especificidades. Um grupo tem sua identidade, mas, dentro dele, há pessoas que têm suas diferenças, seja nos aspectos cognitivos e subjetivos, seja nos de valores culturais.

⁴ Virgínio Vicente Oliveira (Depoimento). Projeto Mapeamento e Identificação das Áreas Remanescentes de Quilombos, 1998.

É comum entre os habitantes de Conceição das Crioulas encontrar pessoas que dizem: “sou negro, mas não sou quilombola.”⁵

Alguns quilombolas, mesmo os engajados no movimento, como o senhor Virgínio Oliveira, acreditam que as causas dos conflitos internos da comunidade resultam da “invenção” da identidade étnica, que dividiu a comunidade e tornou-se uma “arma” usada pelos políticos para opor quilombolas e não-quilombolas dentro do mesmo território. “Nessa desunião, vai ficando mais difícil, uns se considera negro e outros índio, quanto mais a gente se divide mais fica fraco e isso num é bom pra comunidade.”⁶

O povo negro de Conceição das Crioulas e os índios da aldeia Atikum sempre mantiveram estreitas relações; não só pela proximidade físico/geográfica desses povos, mas também por possuírem uma história comum de dominação, a mesma luta pela sobrevivência e manutenção de suas culturas e, principalmente, pelos laços de parentesco que os unem. Essas relações começaram a se transformar a partir do momento em que os dois grupos – principalmente o negro – começaram a se organizar politicamente e, para tanto, acionaram seus valores históricos e culturais. Os negros passaram a compor uma identidade, cujas particularidades históricas, culturais e políticas os distanciavam cada vez mais dos índios. Assim, expressões como “negro e índio é tudo uma mistura só” passaram a ser substituídas por “negro é negro, e índio é índio”, “somos diferentes”.

O fator que mais concorreu para esse distanciamento foi a identificação da área territorial quilombola, em 1998. O mapeamento, seguido do relatório antropológico, feitos a pedido da Fundação Cultural Palmares, levou em consideração a história oral contada pelas pessoas mais idosas de Conceição das Crioulas, segundo a qual seis negras, as “seis crioulas”, suas ascendentes, eram donas de uma extensão de terras equivalente a “três léguas em quadro” (unidade de medida da região), localizada entre as serras da “Princesa” e das “Crioulas”. Com essas referências, a área mapeada e identificada como “terras de quilombos”, avançou, em parte, para a área ocupada tradicionalmente por indígenas, provocando o descontentamento destes.

A partir de então, segundo Barth (1998) estabeleceram-se entre os dois grupos “fronteiras étnicas que, para esse autor, são as fronteiras sociais existentes entre os grupos diferentes, podendo haver, também, fronteiras territoriais. As fronteiras étnicas

⁵ Antônio Mendes (Depoimento quilombola). Entrevistado por Maria Jorge dos Santos Leite, ago. 2009.

⁶ Virgínio Vicente Oliveira. Entrevistado por Maria Jorge dos Santos Leite, mar. 2010.

são primordiais para caracterizar o movimento das relações e demarcá-lo simbolicamente; elas repercutem na formação das identidades, pois os sentimentos de uma comunidade são definidos em oposição à identidade percebida de outros grupos étnicos.

Nessa perspectiva, a divisão entre negros e índios, à qual o senhor Virgínio se referiu, pode ser entendida não somente como um conflito de interesses (disputa pela terra), mas também como o estabelecimento de fronteiras necessárias para a definição de suas identidades. Pois, “[...] se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifesta a pertença e a exclusão.” (BARTH, 1998, p. 195).

Se o estabelecimento de “fronteiras étnicas” é uma estratégia política da construção das identidades de grupos étnicos diferentes, em Conceição das Crioulas esse processo não parece tão simples. Considerando que ali algumas famílias têm, ao mesmo tempo, descendência negra e indígena, a definição da identidade pessoal de um indivíduo pode culminar na ruptura com os outros membros de seu grupo familiar. A esse respeito, dona Maria Antônia, moradora da comunidade, lamenta indignada: “como é que pode em uma família onde os filhos, tudo da mesma mãe e do mesmo pai, e só dois serem índios?”⁷

Dona Rosa entende como preconceito a identificação dos moradores de Conceição das Crioulas com determinada etnia:

Eu acho que é preconceito se considerar negro, índio. Eu acho que é preconceito; nem tem índio puro mais, e também nem negro puro. Assim ta tudo misturado. Porque eu acho que foi um preconceito que criaram aqui nessa região porque desde meus avós nunca existiu esse preconceito aqui de ter índio pra um lado e negro pra outro, eu sei que branco aqui nunca existiu, da época de meus avós pra cá nunca existiu, algum branco que entrou aqui foi forçado. Aqui, das descendências que eu conheço, aqui era Conceição das Crioulas, depois veio essa Conceição dos Quilombolas, essa Conceição dos Índios, aí dividiram as pessoas tudo de um sangue só, tudo um pessoal só, aí é quilombola, é índio e eu não entendo mais nada.⁸

Esses depoimentos revelam os conflitos inerentes ao processo de construção da identidade étnico-cultural em Conceição das Crioulas e o sentimento de pertencer a um grupo mestiço (negro e índio). Dona Rosa, ao afirmar que “branco aqui nunca existiu”

⁷ Palavras de dona Maria Antônia, em uma das muitas conversas informais que tive com moradores de Conceição das Crioulas nos espaços públicos, cujas datas nem sempre foram anotadas.

⁸ Rosa Doralina. Entrevistado por Maria Aparecida Oliveira de Souza, 2005.

recusa-se de forma clara a possibilidade de vincular sua identidade a do branco, mas também não se fixa em nenhum lugar específico (SOUZA, 2006).

É perceptível a existência de um cruzamento das identidades quilombola e indígena, entre as comunidades de Conceição das Crioulas e aldeia Atikum. Familiares próximos dos líderes do movimento quilombola possuem documentos de identidade indígena da FUNAI e usufruí das políticas públicas destinadas às comunidades indígenas. De acordo com Bartolomeu Figueirôa de Medeiros,

Esses declaram que seus parentes membros do movimento negro ocultam o documento que também receberam. Escutamos, igualmente, referência sobre uma insistência, partida da mesma liderança, no sentido de que seus parentes não mais subam a serra do Umã para dançar o Toré. (MEDEIROS, 2007, p. 208).

Observa-se, pois, nesse processo de construção de identidades, atitudes competitivas, de uma competição inter-étnica, marcada por uma lógica de sobrevivência na qual as pessoas, ou grupos, precisam marcar “um lugar ao Sol”. Por isso precisam afirmar suas identidades, estabelecendo diferenças em relação a outros grupos.

Considerações finais

Neste trabalho, procurei analisar o processo de construção da identidade étnica e cultural da comunidade negra quilombola de Conceição das Crioulas, observando as interações existentes entre ela e a vizinha aldeia indígena, Atikum, bem como os possíveis conflitos decorrentes dessa interação.

De acordo com a história oral, a aproximação entre os povos negros e indígenas teve início no final do século XVIII, ou início do século XIX, quando chegaram à região do sertão pernambucano seis negras – as seis crioulas –, consideradas por seus descendentes como sendo as fundadoras de Conceição das Crioulas. Essas mulheres teriam vivenciado múltiplas relações com o grupo indígena ali pré-estabelecido: afetivas (casamentos entre negras e índios; ou negros e índias), de trabalho, e de troca de valores simbólicos e culturais.

Esse longo período de interrelação entre as etnias negra e indígena – quase sempre amigável – teria levado à instituição de identidades híbridas, ou seja, identidades cujas características carregam elementos tanto indígena como negros. No entanto, a partir de década de 1980, com a implementação das políticas públicas destinadas às comunidades étnicas, surge a necessidade de cada um dos grupos organizarem-se

politicamente para o estabelecimento de identidades próprias. A construção dessas identidades passa pela necessidade do estabelecimento de diferenças, o que tem ocasionado distanciamentos e conflitos entre os dois grupos.

No processo de identificação da área quilombola de Conceição das Crioulas, em 1998, já se observava que, além dos limites territoriais, as “fronteiras étnicas” (BARTH, 1998), entre a identidade indígena e quilombola, não se mostravam tão claras. Trata-se de uma região, principalmente no trecho limítrofe entre as duas áreas, e que numa mesma família há membros que se identificam como indígenas e outros como quilombolas, mas essa relação, até então, não apresentava grandes problemas.

A partir do ano 2000, deflagrou-se um processo de demandas identitárias diferente do que vinha se colocando, levando a uma separação – quase sempre conflituosa – das identidades no contexto Crioulas/Atikum. Assim, expressões como “negros e índios são todos uma família só” passou a ser substituída por “negro é negro e índio é índio, somos diferentes”.

Apesar do processo de diferenciação em curso, percebe-se que o contato entre índios Atikum, negros e brancos, ao longo dos anos, levou não somente à miscigenação entre esses povos, mas também a um processo de aculturação. Esse fator é responsável, em parte, pelo abandono do uso da sua língua nativa pelos Atikum. O que resta são pouquíssimas palavras do vocabulário original, geralmente utilizadas durante a realização dos rituais do Toré.

Observando as características físicas do grupo indígena Atikum, percebe-se claramente uma forte miscigenação com o negro, fruto do longo período de convivência com os quilombolas de Conceição das Crioulas e outros povos da região.

Os Atikum por muito tempo não eram reconhecidos como comunidade indígena, mas apenas como descendentes ou miscigenados de índios, e muitas vezes menosprezados pela peculiaridade da sua população. Foi necessário, pois, que se articulassem num movimento político identitário que culminou com a sua diferenciação em relação aos quilombolas de Conceição das Crioulas – que também já havia se organizado –, conseqüentemente, o conflito entre os dois grupos étnicos.

REFERÊNCIAS

ATHIAS, Renato. **A noção de identidade étnica na antropologia brasileira – de Roquette Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira**. Recife: Ed.UFPE, 2007.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BERNARDES, Antonio. Quanto categorias e aos conceitos. **Revista Formação** (Online), Presidente Prudente, v. 2, n. 18, p. 39-62, jul./dez., 2011. Disponível em: <revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/602/1225>. Acesso em: 03 mar. 2016.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: UNESP, 2000.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: HALL, Stuart. SILVA, Tomaz Tadeu; WOODWARD, Hathyryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 9. ed. São Paulo: DP & A, 2004.

MEDEIROS, Bartolomeu Figuerôa. Negros, Índios e Mestiços: Identidades Cruzadas em Territórios Negros. In: ATHIAS, Renato (Org.). **Povos Indígenas de Pernambuco- Identidade, Diversidade e Conflito**. Recife: Ed. UFPE, 2007.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Terra de quilombos**. ABA. Impressão DECANIA CFCH/UFRJ, 1995.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth e outros**. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e. Conceição das Crioulas, Salgueiro (PE). In: O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV/ABA, 2002.

SOUZA, Maria Aparecida Oliveira. **As mulheres, a comunidade de Conceição e suas lutas: histórias escritas no feminino**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em História, Brasília, 2006.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Volume 1. Brasília, Ed. UNB: 1991.